

## QUE DIA É NATAL?



Seu Jorge acabava de fazer o embrulho de roupinhas de presente, quando disse à esposa:

— Pronto. O pacote está feito. Já podemos ir visitar as crianças do internato.

Mas Paulinho, com seus seis anos ricos de curiosidade, quis logo saber:

— Papai, que é internato?

— É uma casa geralmente grande, onde moram muitas crianças.

— Todo mundo irmão?!

— Bem, é que... é que...

Seu Jorge não queria chocar o filhinho, principalmente hoje, que era dia de Natal e procurava a melhor explicação que não faltasse à verdade, no que foi salvo pelo pedido do filho:

— Eu também quero ir. Você me leva?

Seu Jorge e Dona Célia trocaram um olhar. Será que Paulinho iria compreender?

Mas ela fez um sinal com a cabeça, concordando, e o pai respondeu:

— De certo. Você vai conosco.

Saíram, foram para o ponto de ônibus, que não demorou a chegar. Dizia: Vila Velha. É lá que ficava o internato. Rodaram mais de meia hora e chegaram.

Desceram do ônibus e leram a taboleta que anunciava: “Casa da Criança Feliz”.

O portão de ferro meio bambo e as paredes descascadas do muro deixavam claro que o dinheiro não era farto, mas o chão de terra, varridinho, dava certo ar de conforto espiritual.

Bateram palmas e não demorou que uma garota de uns doze anos abrisse o cadeado e puxasse as grossas correntes que libertaram a passagem.

— Feliz Natal! – disse a menina.

— Feliz Natal! – responderam pai e mãe.

Mas Paulinho nada falou. Só ele parecia ter percebido que ela estava descalça; que os cabelos não bem penteados e o vestido comum não pareciam apropriados para um dia de festas.

— Tia Noca está lá dentro de casa. Podem seguir.

Pai e mãe, à frente; o garoto, um pouco mais atrás. Ela tornou a fechar o portão e demorou-se um pouco, observando o mundo que existia do lado de fora.

Paulinho procurava, com os olhos outros meninos, iguais a ele, mas não encontrou nenhum. Todas as crianças à vista eram meninas.

Papai e mamãe nem repararam, pois consideravam tudo muito lógico, mas o filho achava isso um tanto esquisito. “Por que aqui não nascem meninos?” – pensava, mais desconfiado que interessado.

Paulinho reparou que a porta de entrada da casa não era fechada, como a da sua, e ia chegando à conclusão de que aquele casarão era definitivamente bem diferente do lar onde residia.

Tia Noca logo chegou. Tinha o ar de mulher bondosa, das que os Espíritos bons assistem com interesse, já que são tão raras.

Diversas crianças lhes agarravam o vestido, mal deixando-a caminhar.

Os pais se maravilhavam, e pensaram: “como gostam dela!”

— Feliz Natal!

— Feliz Natal!

Paulinho continuava calado mas se alguém pudesse penetrar naquela cabecinha, leria seus pensamentos secretos:

“Eu gosto muito do papai e da mamãe; de vez em quando me agarro nas pernas deles, mas não fico assim pregado, como todas essas filhas da Tia Noca. Eu abraço meus pais por amor, mas elas parecem que agarram procurando amor”.

Paulinho estava realmente confuso. Se ela era bondosa, porque suas filhas pareciam ter falta de amor?

À proporção que iam pela casa a dentro, mais e mais meninas apareciam. Paulinho mais confuso ficava. “Com tantas filhas, não dá mesmo tempo para distribuir amor como na minha casa”.

Mais encabulado se punha por ver que Tia Noca tinha filhas brancas, outras pretinhas, e até uma de olhos amendoados de japonezinha!

“Não estou entendendo nada!”, pensava o garoto, que só percebeu que os grandes conversavam, quando a mãe exclamou, alto: \_ “É aquela ali!”

Paulinho estancou, de olhos arregalados e assustados. Reconhecendo Lili, a filha da empregada que “Papai do Céu levava para junto dele”, no mês passado, compreendeu que aquelas meninas não eram filhas de Tia Noca.

Olhou para aquela mulher de semblante radioso, com profundo respeito, mas um ligeiro ar de reprovação se mostrou em sua voz infantil, ao dizer aos pais:

\_ “Eu quero ela de presente de Natal, para mim”.

\*\*\*

Cerca de dois meses se passaram, e Paulinho já havia perdido as esperanças de ganhar “o seu presente”.

O Natal ficara para trás e um outro, novo, só no final do ano.

Era pequeno demais ainda, para saber que quando se é grande, tudo se torna difícil e complicado.

Foi, pois, com relutância que aceitou o convite dos pais para irem novamente ver Lili. Não que se houvesse desinteressado dela, mas porque o machucava a cena da prisão de um ente querido.

\_ Por que ela está obrigada lá?

\_ Não é obrigada, é abrigada, que se diz, corrigiu mamãe.

Paulinho ficou mais confuso. Alguma coisa lhe dizia que se Jesus aconselhara abrigar crianças sem pais, haveria de ser nos corações, e não nos casarões. Por que a gente grande confunde tanto as coisas?

Mas o desejo de revê-la, reavivou-lhe a chama do amor fraterno, e um minuto após, já corria para a porta, e para o ponto do “Vila Velha”.

Já no “Lar da Criança Feliz”, viu que Tia Noca entregava ao papai e à mamãe, diversos papéis onde eles escreveram qualquer coisa que ela não sabia o que era, mas haveria de ser algo muito bom, porque Tia Noca, tomando Lili no colo, beijou-a com os olhos rasos de lágrimas e lhe disse:

\_ Que Jesus te abençoe, filha querida! Atônito e feliz, Paulinho viu-a colocar Lili nos braços de Dona Célia que, beijando-a também, úmidos os olhos, a colocara no chão, a seu lado. Até papai, que era homem, chorou.

Pelo brilho do olhar, adivinhava-se que Paulinho compreendera que Tia Noca só tomava conta daquelas meninas, esperando que cada lar fosse buscar uma para receber como filha espiritual.

Na inocência infantil imaginou que o internato iria esvaziar, dentro de poucos dias.

Seu Jorge e Dona Célia sabiam que é complicado adotar, que redobrado amor se há de ter, mas confiaram.

Parece que Jesus falara pelos lábios daquela criança.

Não era dezembro, mas era, muito mais Natal!

(Bastos, Demétrio Pável. In: Alô, Coração. Juiz de Fora: Instituto Maria)